

# REFLEXÕES SOBRE O TRABALHO DOCENTE DE QUÍMICA EM SALAS DE AULAS INCLUSIVAS

*Talita Cristina Raiol Carvalho<sup>1</sup>*

*Clara Virgínia Vieira Carvalho Oliveira Marques<sup>2</sup>*

**Resumo:** Este é um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado ENSINO DE QUÍMICA NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA: cenário educacional da cidade de Rosário-MA. O recorte em questão trata especificamente sobre o trabalho docente nas salas de aulas inclusivas. Esta foi uma pesquisa qualitativa na perspectiva do estudo de caso, cujo objetivo foi revelar o atual cenário educacional da cidade de Rosário- Maranhão no que tange ao processo de inclusão de alunos com deficiências nas aulas de química nas escolas públicas de nível médio. Os resultados demonstram que o processo de inclusão de pessoas com deficiência no ambiente escolar encontra-se em fase embrionária, e que o ensino tradicional, que preconiza uma aprendizagem do mesmo modo e ao mesmo tempo a todos, se faz presente na maioria das aulas ministradas e a pouca ou nenhuma formação na área da educação especial se mostra como um dos grandes entraves para que a inclusão escolar de fato aconteça.

**Palavras-chave:** Trabalho docente. Inclusão. Ensino Tradicional. Aulas de Química.

## INTRODUÇÃO

A inclusão é um paradigma que se aplica aos mais variados espaços físicos e simbólicos (CAMARGO, 2017). Além disso, pressupõe que todos os alunos com deficiências estejam inseridos no ensino regular. A escola possui papel fundamental nesse processo e sua função vai desde as questões referentes à infraestrutura dos espaços físicos da instituição até a qualificação do corpo profissional presente na escola. Nesse sentido, Souza e Rodrigues (2015) questionam: O que a escola e, principalmente, os professores precisam conhecer para que o aluno seja de fato incluído?

Essa não é uma questão simples e quanto aos professores, o conhecimento das leis e decretos por si só não garantem que o processo de uma educação inclusiva realmente seja posto em prática. Esses documentos possuem relevância nessa construção, mas é necessário também a mudança na forma de olhar e de proceder com o aluno com deficiência.

Entende-se que o trabalho docente na perspectiva da educação inclusiva é complexo e requer que o professor continuamente reflita e questione sua própria prática, priorizando a aplicação de metodologias diversificadas e que abarquem todos os alunos presentes na sala de aula. No atual cenário educacional, requer-se a cada instante a busca por atualizações e aprimoramento de novas técnicas e metodologias de ensino. Sobre isso, Freire (2001, p.64) afirma: “é na inconclusão do ser, que se sabe como tal, que se funda a educação como processo permanente.”

Nessa ótica, o presente trabalho traz um recorte de uma pesquisa que objetivou verificar de forma panorâmica como tem sido realizado o processo de inclusão nas aulas de química em escolas públicas estaduais no município de Rosário-Maranhão. Os resultados giram em torno dos impactos do trabalho docente nas aulas de química, enfatizando as emoções, sentimentos e impressões dos docentes ao saberem da presença de alunos com deficiências em suas salas de aula.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Ensino de Ciências e Matemática-UFMA. E-mail: talitacarvalho12@hotmail.com

<sup>2</sup> Doutora em Química, Professora Adjunta IV-UFMA- Codó. E-mail: Clarabrasil10@gmail.com

## **METODOLOGIA**

A metodologia aplicada enquadrou-se na perspectiva de pesquisa qualitativa, uma vez que essa abordagem carrega entre suas características, o ambiente natural como fonte direta de dados e a figura do pesquisador como seu principal instrumento. (BOGDAN e BIKLEN, 1982).

O ponto de partida desta investigação se deu a partir do levantamento do quantitativo de escolas e de alunos com alguma deficiência que estavam matriculados no Ensino Médio na cidade de Rosário-Maranhão, localizada a 75 km da capital do estado. Os dados foram colhidos nos sites do Instituto Nacional de Estudos Educacionais Anísio Teixeira (INEP) e Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

De posse dos dados, partiu-se então para a visita *in lócus* cujos objetivos foram: comparar os dados fornecidos pelos sites governamentais e a real situação vivenciada nas escolas, apresentar a gestão escolar o projeto investigativo, identificar o total de professores de química em cada instituição, identificar os alunos com deficiência efetivamente ativos, assim como conhecer as infraestruturas físicas das escolas.

Quanto aos instrumentos de coleta de dados, a presente investigação utilizou-se de questionários semiestruturados e entrevistas semiestruturadas, gravadas em áudio e posteriormente transcritas em sua íntegra. Já em relação à análise dos dados obtidos, esta pesquisa teve como pressupostos a análise de conteúdos baseada em Bardin (2016).

Na análise de conteúdo, procedeu-se a criação de blocos de análise, assim como a de categorias e subcategorias originadas da compilação de unidades de significados que se configuram nas palavras mais recorrentes identificadas nas falas dos entrevistados.

Apresenta-se neste resumo um recorte da parte dos resultados obtidos a partir da investigação realizada, discutindo um dos blocos criados que recebeu o nome de “Impactos do Trabalho Docente em Salas de Aulas Inclusivas” onde buscou conhecer quais as impressões e quais as reações sentidas pelos professores de química ao saberem que teriam alunos com deficiências em suas salas de aulas.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Em relação ao campo de pesquisa foram detectadas pelo levantamento inicial, três unidades públicas localizadas na zona urbana da referida cidade, que ofertam do Ensino Médio. Quanto à infraestrutura desses espaços, todas eram planas, com rampas, e banheiros adaptados para pessoas com mobilidade reduzida. Porém, nenhuma das escolas estavam adaptada com a sinalização própria para pessoas com deficiência visual.

Essas escolas reúnem quatro professores de química que foram convidados a participarem desta pesquisa, portanto sujeitos da investigação. Esses professores possuem licenciatura em Química e tempo de magistério entre 5 e 10 anos. Eles afirmaram não possuir cursos e formações na área da Educação Inclusiva. Em relação ao universo de alunos com deficiências, identificou-se que 10 dos 18 alunos com deficiências matriculados no Ensino Médio frequentavam efetivamente as aulas. As deficiências registradas foram: físicas, múltipla (cegueira e Física) e intelectual.

O Quadro 01 retrata as categorias, subcategorias e unidades de significados que foram retiradas da fala dos entrevistados.

Quadro 01: Unidades de significados para a categoria: impressões iniciais/no percurso

IMPACTOS DO TRABALHO DOCENTE EM SALAS DE AULAS INCLUSIVAS			
Categoria	Impressões Iniciais/ no percurso		
Subcategoria	Unidades de Significados	Frequência	Depoimentos
Insegurança	Dificuldade Trabalho complicado Sem saber o que fazer	100%	[...] a gente fica sem saber o que fazer... Porque precisa desenvolver o conteúdo com os outros alunos e ao mesmo tempo tem aquele aluno que a gente tem uma atenção especial, então é muito difícil. Tem que contar com a dificuldade do planejamento, um pra turma e um pra esses alunos [...] (PQ <sub>1</sub> )
Perfil de Formação	Sem formação Trabalho paralelo	100%	[...] na graduação eu tive uma disciplina, mas que a disciplina, ela te dá uma luz, mais ou menos o que tu vais encontrar, mas geralmente, quando tu chegas na realidade outra coisa... [...]” (PQ <sub>1</sub> )

Fonte: Próprias Autoras

Quando questionados sobre os impactos de terem alunos com deficiências em suas salas de aulas, os docentes ressaltaram o sentimento de insegurança, enfatizaram ser este um trabalho complicado e que em alguns casos ficam sem saber o que fazer diante da situação.

De acordo com o (PQ<sub>1</sub>) o problema gira em torno de ter que realizar dois tipos de planejamento, um para os alunos com deficiências e outro para a turma em geral.

Verifica-se que no decorrer do trabalho docente nas salas de aulas inclusivas, são diversas as preocupações dos professores, isto, é notável no depoimento do (PQ<sub>1</sub>) quando se trata da obrigatoriedade de cumprir o conteúdo programático no tempo estabelecido e a importância dada a aprendizagem de todos os alunos presentes na sala.

Em relação a preocupação do professor com a aprendizagem, não somente dos alunos com deficiências, mas de toda a turma, Passos, Arruda e Passos (2015) apontam em seus estudos que a presença dos alunos com deficiências em sala regular, além dos desafios enfrentados, pode por outro lado beneficiar os demais estudantes, pois o professor dedica-se mais ao processo de aprendizagem do que talvez se dedicaria caso não houvesse aluno com deficiência em sua sala.

Quanto à formação profissional, os docentes apontam a ausência nas suas formações iniciais de disciplinas que enfoquem o trabalho com alunos com deficiências. Apenas o (PQ<sub>1</sub>) afirma que cursou uma disciplina na graduação, mas ainda assim não forneceu a bagagem necessária para o exercício do seu trabalho, pois a realidade de sala de aula vai muito além da

teoria ministrada nas disciplinas, o que exige do professor uma formação completa e abrangente.

Essa fala corrobora o que Rodrigues (2009) comenta sobre disciplina de cunho inclusivo dada nas graduações, geralmente não dão conta da complexidade do ensinar na educação inclusiva, trazendo para os futuros professores apenas a informação e não a formação.

No entanto, Marcotti e Marques (2017) em seu trabalho sobre educação inclusiva e formação docente, afirmam que para uma formação significativa é imprescindível haver parcerias entre as escolas e as universidades para que juntas tragam um saber construtivo para os professores em formação inicial e para aqueles que já se encontram no exercício da profissão, tendo como objetivo o compartilhamento de experiências bem-sucedidas na área e uma educação de qualidade para todos os alunos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A educação inclusiva ainda é um desafio para professores, gestores e demais profissionais inseridos no espaço escolar. Quanto aos docentes, a pouca ou nenhuma qualificação em estratégias de ensino, dificultam o desenvolvimento das atividades em sala de aula que de fato sejam inclusivas.

As inseguranças enfrentadas pelos docentes no desenvolver de sua prática pedagógica podem ser tidas como naturais à medida que em suas formações iniciais e continuadas em muitos casos se mostram frágeis e superficiais, não proporcionando, portanto, as condições e subsídios necessários para que o trabalho docente nas salas de aulas inclusivas seja alicerçado de forma teórica e prática.

O percurso de aplicação de metodologias e formas diversificadas no ensino de química apresentam-se como uma saída na solução de algumas questões inerentes ao processo de aprendizagem. Porém, enfatiza-se o entendimento que o papel do professor é fundamental neste processo, porém, não constitui-se como o único. Para que o ensino de química seja efetivamente inclusivo, é necessária a cooperação mútua entre a família, corpo docente, gestão escolar e políticas governamentais. É claro, não se pode negar a necessidade de promover cursos e formações nesta área tanto a nível de formação inicial como de formação continuada.

## REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. Análise de conteúdo. 3. ed. Casas de Ideias: Edições 70, 2016. 279p
- BOGDAN, R; BIKLEN, S. K. Qualitative Research for Education. Boston: Allyn and Bacon. 1982.
- CAMARGO, Eder Pires de. Inclusão social, educação inclusiva e educação especial: enlaces e desenlaces. **Ciência & Educação (bauru)**, [s.l.], v. 23, n. 1, p.1-6, mar. 2017. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1516-731320170010001>. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-73132017000100001](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-73132017000100001). Acesso em: 26 mar. 2020.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- MARCOTTI, Paulo; MARQUES, Michele Ferreira. EDUCAÇÃO INCLUSIVA - FORMAÇÃO E PRÁTICA DOCENTE. **Revista de Pós-graduação Multidisciplinar**, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 77-86, june 2017. ISSN 2594-4797. Disponível em: <<http://fics.edu.br/index.php/rpgm/article/view/484>>. Acesso em: 29 mar. 2020. doi: <https://doi.org/10.22287/rpgm.v1i1.484>.
- PASSOS, Angela Meneghello; ARRUDA, Sergio de Mello; PASSOS, Marinez Meneghello. ANÁLISE DAS RELAÇÕES DOCENTE EM SALA DE AULA COM PERSPECTIVAS DE SER INCLUSIVA. **Investigações em Ensino de Ciências**, [s.l.], v. 20, n. 3, p.84-115, 31 dez. 2015. Investigações em Ensino de Ciências (IENCI). <http://dx.doi.org/10.22600/1518-8795.ienci2016v20n3p84>. Disponível em: <https://www.if.ufrgs.br/cref/ojs/index.php/ienci/article/view/30>. Acesso em: 26 mar. 2020.
- SOUZA, Ana Lucia Alvarenga dos Santos; RODRIGUES, Maria Goretti Andrade. EDUCAÇÃO INCLUSIVA E FORMAÇÃO DOCENTE CONTINUADA. In: XII CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2., 2015, Paraná. **Formação de Professores, Complexidade e Trabalho Docente**. Paraná: Educere, 2015. v. 1, p. 1 - 10. Disponível em: <[https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/21491\\_10456.pdf](https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/21491_10456.pdf)>. Acesso em: 03 dez. 2019